

REVISTA
DE

TURISMO

PUBLICAÇÃO MENSAL
DE TURISMO, PROPAGANDA,
VIAGENS, NAVEGAÇÃO, ARTE
E LITERATURA ◻ ◻ ◻

PROPRIEDADE DA EMPREZA DA «REVISTA DE TURISMO»

ANO VII
II SERIE

FEVEREIRO 1923
N.º 128

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO
SECRETARIO: JOSÉ LISBOA

REDACITOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO
EDITOR: F. FERNANDES VILLAS

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 — TELEFONE 2337 CENTRAL

PORTUGAL NO EXTRANGEIRO

O QUE DE NÓS SE DIZ

UM nosso bom amigo, regressado ha pouco d'uma viagem á Italia, tendo passado por França e Hespanha, contou-nos coisas assombrosas a proposito das apreciações que de nós se fazem n'esses paizes e, certamente, nos outros que com aqueles teem contacto directo.

Abstendo-nos de citar aqui algumas d'essas apreciações, temos simplesmente em mira lavrar o nosso vehemente protesto contra essa infamante campanha que se faz contra Portugal, chamando para ela a atenção do Governo e das entidades que, com efficacia, podem e devem a ela contrapôr os mais energicos e decisivos desmentidos.

Não se comprehende, mesmo, como tal campanha se tem desenvolvido; pois nos parece dentro das attribuições dos nossos funcionarios diplomaticos e consulares o não deixar que corra por esse mundo em fóra, com a mais refalsada má fé, uma propaganda de descredito que reflecte, além de tudo o mais, uma requintada maldade.

E dizemos isto, convencidos de que assim é, porquanto em nenhuma parte do mundo, segundo o testemunho auctorizado

de viajantes da mais indiscutivel seriedade, os estrangeiros são tratados como em Portugal.

Em verdade, não se póde dizer o contrario.

Não obstante a lhaneza, a afabilidade e a correcção naturaes do nosso trato, (coisas que difficilmente se encontram presentemente no estrangeiro), procuramos ainda e sempre que nos é possivel, redobrar-las com as maiores amabilidades, prodigalizando — como, de resto, nos compete — todas as atenções e carinhos aos estrangeiros que nos visitam e aos que acidentalmente passam pelo nosso Paiz.

As condições da nossa affectuosa educação levam-nos até, por vezes, a excessos de amabilidade que poderiam ser tomados como servilismo; mas isso está no nosso temperamento.

Assim, dispensamos sempre aos estrangeiros o melhor da nossa recepção — o que aliás é comprovado por inumeros que demoradamente teem sido nossos hospedes e que são, sem duvida, os primeiros a revoltarem-se contra essa injusta campanha.

É, possivelmente, a nossa superioridade sobre a forma de recebermos as nossas

visitas que têm gerado a campanha que não encontra resposta da nossa parte, não obstante os portuguezes — e justamente porque o são — sentirem-se sempre maltratados e expoliados quando se encontram no estrangeiro. Apesar d'isso, não fazemos campanhas de descredito.

Torna-se, pois, necessario que o Governo, por intermedio dos seus agentes diplomaticos e consulares, e a Sociedade Propaganda de Portugal, com a intervenção dos seus representantes, ponha um dique a essa aleivosa e injustissima campanha.

PORTUGAL PITORESCO

RUINAS DO CASTELO DE LEIRIA

SE fosse necessario scenographar para uma magica um scenario de *Castelo do Diabo*, o artista tinha um excelente modelo, copiando o historico Castelo de Leiria, visto da entrada, do lado da cidade que lhe passa no sopé, a meia encosta, e que em o nosso desenho procuramos representar do natural.

O phantastico aspecto não vem—tanto do notavel edificio medieval, que os reis D. Diniz e D. João I belamente acrescentaram á formidavel defeza militar que D. Payo Guterres fizera erigir sobre aquela penha; mas é exactamente este curioso afloramento de rochas, que lhe dá tão extranho quão pitoresco aspecto.

Segundo afirmam competentes, o facies geologico do local é um afloramento da rocha plutonica «ophite», que em Portugal só ali rompeu, — ha que milénios! — atravez do terreno sedimentar, como que furando-o de baixo para cima, até que a erupção subterranea parou. Foi sobre esse formidavel pedestal de vulcanicos rochedos cinzentos e denegridos, que estrategicamente o templario D. Payo Guterres levantou os muros e torres da sua fortaleza, que ali, n'aquele local, era a mais atrevida avançada christã ante os mouros do proximo Castelo de Obidos, n'este rincão da peninsula Ibérica.

E' portanto cheio de imprevisto o conjuncto d'aqueles extranhos rochedos, vistos assim de baixo, coroados lá no alto

pelo soberbo e arruinado Castelo; aspecto que a todos meus conhecidos que visitem Leiria tenho sempre recomendado, e que aqui, na *Revista de Turismo*, chamo a atenção do turista, que se interesse por casos de arte e de pitoresco, que ambos encerra o famoso Castelo de Leiria.

Muito se tem escrito d'estas notabilissimas ruinas, que são um encanto e estudo para archeologos; ruinas que sobranceira e isoladamente campeam proximo da cidade do placido e lindo rio Liz; e seus arredores, do qual Pinheiro Chagas, o estadista e poligrafo eminente, me dizia um dia na Praça de «Rodrigues Lobo»: o Castelo espreita-nos sempre em todos os lados, por qualquer rua ou caminho que transitamos».

Assim, para o visitar, depois de observarmos o seu formidavel alicerce desde a já citada estrada e rua do Governo Civil, passé-se o arco da torre sineira da Sé, construida sobre um dos cubelos da fortaleza, pelo que lá se diz, que—«Leiria tem Sé sem torre»; e subindo a ladeira, fica em caminho o Museu da cidade; o quartel da G. N. R.; e o notavel pequeno templo «romanico» de São Pedro, a primitiva igreja matriz de Leiria.

Então e ainda mais alto passam-se portas das velhas e arruinadas muralhas do Castelo, as quaes apresentam algumas curiosas inscrições romanas—cipos funerarios — que o fundador do Castelo apro-

veitou para as pedras da construção, e logo depois depara-se com a primitiva «casa de guardas», agora restaurada a caracter e com o mesmo fim, segundo o plano geral da reconstrução do Castelo de Leiria, pelo erudito professor Morrodi. Acabada de subir a íngreme colina, uns degraus dão acesso á torre da entrada pelo seu portal gótico, onde se conhece ainda o sitio da grossa tranca interior que o fechava.

O Castelo, como é sabido, é um conjunto de Fortaleza, de Alcáçova e de Capela; a primeira devida a D. Payo Gu-terres; a segunda a D. Diniz I; e a terceira a D. João I ou, pelo menos, o seu acabamento; todos os tres casos são interes-santissimos, é claro, para... os estudiosos ou amadores.

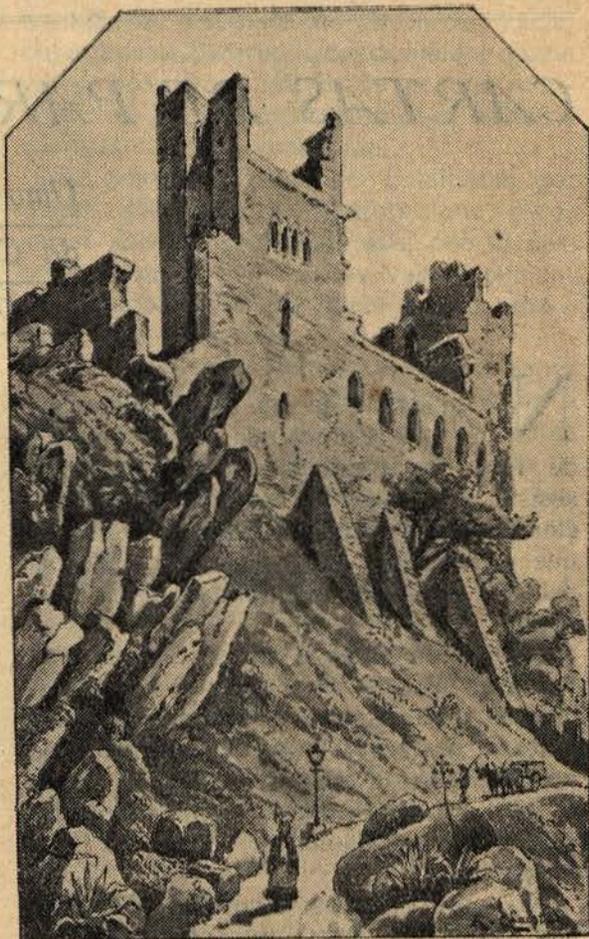
Assim na grandiosa Torre de Menagem, ao lado esquerdo da sua porta de ogiva da entrada, e um pouco acima d'ela, veem-se n'uma pedra já carcomida pelo tempo e gravadas toscamente, as «quinas» de Portugal e as «barras» de Aragão, (a rainha Santa Izabel era aragoneza); o nome do monarca e a era em que foi construido o castelo.

Na Alcáçova existem, ainda, alguns porticos e restos de janelas de ogiva, das muitas que o monumento possuia, e que uma vereação ignara e adulara fez abater á marreta no tempo de D. Pedro V, para em seu lugar colocar uma pintada saudação ao monarcha !!!—quando um dia passou por Leiria. N'alguns d'esses restos architetonicos ainda subsistem alguns colunelos e respectivos capiteis de «campanula», ornamentados com naturalisticas folhas de plantas horticolas; na Capela gótica esses capiteis, as esguias janelas, e o «aranhão» da abóboda da capela-mór são de puro estilo ogival florido: n'esta existiam ainda ha anos dois pequenos tumulos dos fidalgos Barbas, alcaides de Leiria, e que populares, na ancia de procurar thesouros escondidos, destruíram.

A um dos angulos da Capela da Rocha e proximo ao alicerce, existe tambem uma inscrição romana importantissima, e que é pouco conhecida, pois n'ela se lê, gravado, um edito imperial, concedendo uns

direitos e regalias aos habitantes de Colipo, o primitivo nome da povoação que depois se chamou Leiria.

Escusado será acrescentar que d'aquela altura do Castelo o panorama que se disfruta é soberbo, pois é circular; assim não só se vê a cidade e as graciosas curvaturas do espelheiro Liz, deslizando entre



A ALCÁÇOVA DO CASTELO DE LEIRIA

DESENHO DE RIBEIRO CHRISTINO

(Reprodução de uma aguarela tirada do natural pelo mesmo autor)

choupos pelos varzedos, mas todos os lindos arrabaldes e logarejos d'ali se avistam, taes como, Marrazes, Milagres, Gandara, Amor, Pousos, Baroza, Cortes, entre outros, que se destacam por entre as ondulações dos terrenos cobertos de culturas e de pinhaes; mesmo em tempo claro distinguem-se os corucheus do mosteiro

da Batalha, e por ultimo, já muito esbaltada pela distancia, alonga-se para o sul a comprida serra do Porto de Mós, a notavel vila de D. Fuas Roupinho.

Portanto, nós, que durante alguns anos habitámos e exercemos o nosso cargo de professor de desenho industrial n'aquela cidade, é com aprazimento que aqui cha-

mamos a atenção do leitor, para não deixar de visitar, em se lhe oferecendo ocasião, o monumento nacional que é o vetusto Castelo de Leiria.

Lisboa, Março 1923.

RIBEIRO CHRISTINO

CARTAS DE PARIS

Uma excursão em Hespanha, a proposito da Conferencia do Trafego Internacional

P. H. F.

NA qualidade de um dos representantes da Companhia dos Caminhos de ferro da Beira Alta, tive a honra de assistir á Conferencia do Trafego internacional entre Portugal, Hespanha e França que ultimamente se realisou em Valencia del Cid, na costa oriental da visinha Hespanha.

Não venho fazer o resumo d'essa conferencia, aliás já dado á estampa nas columnas d'esta Revista; limitando-me, portanto, a descrever uma excursão feita pela oportunidade de me achar n'aquella nação e pelo desejo — de ha muito alimentado de visitar Barcelona — que é a Paris hespanhola.

No programa das excursões oferecidas aos delegados das Companhias dos Caminhos de Ferro estava indicada uma ao *Paiz das Laranjas*, a Alcira, 37 kilometros de Valencia. O comboio especial foi, porém, mais além: a Carcagente, onde tomámos a linha de via reduzida que vae a Alicante, por Denia, que deixamos, um quarto de hora depois, a fim de visitarmos uma quinta, propriedade do sr. Sánchez de León, Administrador da Companhia do Norte de Hespanha, onde nos esperava um almoço, que este senhor oferecia.

Deixado o comboio, tomámos logar em carros, que nos levaram atravez de laranjaes, sem fim, por uma especie de estrada, semelhando-se ao leito d'um rio.

Depois de mil e um solavancos, em que as molas dos trens fizeram as melhores provas de elasticidade, chegámos ao terminus d'esse caminho, onde tivemos contacto com a velha fidalguia hespanhola, taes as atenções que nos foram dispensadas.

O regresso, feito, em parte, a pé, permitiu-nos vêr como a cultura da laranjeira é difficil, e quaes os cuidados que lhe são devidos.

Como o paiz é em regra seco, é necessário abrir grandes poços, d'onde poderosas machinas elevadoras transportam a agua á altura da rega; e como a laranjeira só dá fructo 15 anos depois de plantada, é preciso um trabalho insano e meticuloso para, por meio de enxertos, fazer com que ela fructifique mais temporaneamente.

Mas, uma vez a laranjeira em actividade de produção, compensa bem todos os sacrificios feitos, porque a abundancia de fructos é tal, que parece que sobre os seus ramos desabaram milhares de pequenas esferas de ouro.

Em Alcira, visitámos os armazens exportadores d'esse precioso fructo, onde novos cuidados lhe são ministrados.

A laranja, como a tangerina, são apartadas por qualidade e por altura; e depois de bem envolvidas em papel de seda, são metidas em pequenas caixas de madeira, chatinhas, para conterem uma só camada, a fim dos fructos não chegarem esmagados ao seu destino.

De regresso a Valencia, não mais tempo havia do que para fazer as malas e partir.

Alguns dos Delegados á Conferencia do Trafego Internacional seguiram no expresso de Madrid; outros no correio-nocturno para Barcelona. Preferi este ultimo, pois desde ha muito a capital da Catalunha me tentava a uma visita.

A linha Valencia-Barcelona, pertencendo ás duas grandes companhias hespanholas do Norte e M. Z. A., a primeira até Tarragona, e a segunda, depois, até Barcelona, é das linhas mais bem construidas de Hespanha, pois sendo via unica, o comboio rola durante a noite sem trepidação, como na inais perfeita dupla-via.

Tinha como companheiro de viagem o sr. Enrique de Hertz, Chefe do Movimento de M. Z. A., (rede catalã), engenheiro distinctissimo, ferro-viario apaixonado, que me traçara um programa para visitar Barcelona nos curtos dias de que dispunha. Obedeci pois a esse programa.

Desembarcado no apeadeiro de Paseo de Gracia, achei-me em pleno coração da cidade. Para o hotel, ali, a dois passos, não valia a pena tomar carruagem. Um moço, que se contentaria com duas pesetas, levaria as malas. Em Paris, apesar do cambio, custaria mais caro; isto se se encontrasse alguém que quizesse fazer esse percurso a pé...

O tempo estava magnifico e como os dias eram pequenos, aproveitámos um bocado de sol para vêr a bela capital da Catalunha.

E' claro que foram os bairros novos que nos atrahiram para as primeiras impressões.

Todos os arruamentos, obedecendo á mesma simetria, a parte nova da cidade

oferece um grande interesse pelo esforço exercido na sua rapida construção.

Predios altos; elegantes ruas largas com o gaveto cortado; passeios espaçosos, com platanos a assombrea-los; moradias ricas, etc., dão uma impressão agradável ao visitante.

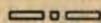
A construção das habitações quasi uniforme, é todavia cortada por um predio extravagante, á esquida do Paseo de Gracia, cujas janelas, parecendo concavidades d'uma gruta, nos dão a impressão de que o architecto, diabolicamente futurista, esteve a mangar com a humanidade.

A grandiosa praça de Catalunha, por causa das obras do Metropolitano, perde quasi todo o seu interesse, pois o belo casario que a cêrca é-nos velado por andaimes colocados ao meio e pelo amontoado dos materiaes.

Descendo-se a famosa Rambla, sentimos que entramos n'uma outra cidade; a gente parece mesmo outra; a actividade é maior; os vendedores ambulantes e os lugares de venda de flores dão-nos a impressão d'uma grande vila em dia de mercado.

Parámos á porta do Theatro-Liceo. Cantava-se a *Traviata*. Os lugares eram convidativos; uma cadeira de plateia, sete pesetas—mais barato do que em Paris e mesmo em Lisboa.

Ha porém galerias a três e a duas pesetas. Ia começar o espectáculo da tarde, que é ainda mais barato; por cinco pesetas tem-se uma cadeira. Mas não nos convenceu. Aproveitámos o belo sol para alargar as vistas.



Dez minutos depois estavamos no Paseo de Colón, onde a estatua do grande navegador, gigantescamente erguida, olha o mar.

Pediram duas pesetas para subir até aos pés da grande figura, 56 metros. Não valia a pena.

A base da estatua, abandonada aos vadios que se espreguiçam ao sol, causa horror, mal tratada, suja e *muchas cosas más*. (Mas em hespanhol e em portuguez).

A dois passos está o caes, com gran-

des navios, rebrilhando ao sol, na grande faina de descarregar mercadorias.

Um grande vapor passou em frente á procura d'um molhe para atracar: era o *Fernão Veloso* dos nossos Transportes Marítimos; e ante esse bocado da Patria, concebemos por um instante o papel que nos está reservado no commercio mundial, quando tivermos uma poderosa marinha mercante.

Deixado o caes e seguindo-se o Paseo de Colón, dentro em pouco estavamos na

estação de Francia, que liga Barcelona ás linhas francezas, Cechére, velho pardieiro, que vae em breve desaparecer para dar lugar a um grandioso edificio com 16 linhas de caes, e que ocupará uma parte do Parque da Cidadela.

Este melhoramento bem o requiere o progresso consideravel de Barcelona.

Regressei, a seguir a Paris, d'onde escrevi esta carta.

GUERRA MAIO

EXTRANGEIRISMOS

O REGIMEN CULINARIO NOS HOTEIS

EM Portugal manifesta-se, sobretudo e especialmente nas suas duas grandes cidades capitaes, a mania idiota dos estrangeirismos.

Esse abastardamento da nossa rica e dôce lingua encontra-se em taboletas de casas de commercio, em letreiros de mercarias, em indicações de modistas, perfumistas, cafés, bilhares, sapateiros — emfim, tudo quanto é susceptivel de se estrangeirar, sofre essa criminosa metamorphose, no simples intuito de satisfazer a um pedantismo mais do que estúpido.

Parece que ninguem tem visto os funestos resultados d'este anti-patriotico procedimento, pois que julgando-se apenas atrahir, pela pretensa imitação, uma maior clientela, sómente se tem contribuido, com uma pavorosa inconsciencia, para a nossa facil desnacionalisação.

Não vamos agora prestar ao assumpto a ampla critica que ele merece e que reservamos para outra oportunidade. Por hoje apenas o apreciamos pelo que a sua influencia tem de nefasta n'uma industria complementar do turismo: — a industria hoteleira.

Deixando, tambem, para uma mais larga escarpelisação outros assumptos d'esta mesma industria, que pécam pela invasão do

estrangeirismo, vamos tam sómente dedicar a nossa critica ao que respeita á culinaria nos hotéis, desde as ementas das refeições até a confecção dos pratos que as compõem.

Partindo do principio em que se baseia o anexam popular, de que *cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso*, entendemos que nos hotéis em Portugal apenas se devia servir *comida á portugueza*.

A invasão da *comida á franceza* na culinaria dos nossos hotéis, representa, além d'um abuso comum á maioria dos hotéis de todo o mundo, portanto banal e sem originalidade, um facto concreto de anti-patriotismo que nenhuma justificação séria e honesta pode ter.

Quem visita um paiz, para o conhecer, não lhe basta só ver os museus, as suas egrejas, os seus monumentos, o que ele possui, emfim, de historico e artistico; como tambem não se regala simplesmente com as suas belezas naturaes, com o movimento das suas ruas, com a expansão da sua actividade; preocupa-se tambem com os *usos e costumes* d'esse mesmo paiz; e n'elles está naturalmente incluída a culinaria nos hotéis, que deve ser a mesma que usa a gente natural.

Ora, se bem que a maioria dos esto-

magos dos viajantes que em turismo se deleitam por este mundo de Christo, esteja muito habituada á cosinha franceza— porque se entendeu que assim como se fala francez em toda a parte, tambem se havia de comer á franceza — apenas a sua superioridade—e em alguns casos, pode sobrepujar a cosinha portugueza pela fantasia da apresentação de alguns productos. De resto, a cosinha portugueza, sendo mais saborosa e mais saudavel, tambem pode imprimir uma boa apresentação aos seus productos, desde que se tenha um cosinheiro que seja, além de habil, patriota.

E, sem duvida alguma é muito mais agradavel para o viajante que esteja em Portugal saber que lhe fornecem comida cosinhada segundo o nosso uso, do que sacrificar-se a um alimento sempre codi-

mentado da mesma forma, sem nada de novo que lhe abra o apetite, sem o sabôr original que o atraia.

Sempre alimentado em Portugal com cosinha á francesa, o viajante não saberá qual a forma porque nos alimentamos, não conhecerá nunca o que de bom, agradavel, saboroso e original ha na cosinha portugueza, supondo que se acha em França, ou que não sabemos cosinhar e que comemos só o que é feito por cosinheiros francezes, tanto mais que as ementas são sempre escritas em franco idioma.

E', pois, absolutamente indispensavel dar expansão a esta campanha em que nos vimos empenhando, de nacionalisarmos o regimen culinario nos hotéis de Portugal; campanha que se baseia nos mais justos e concretos argumentos.

J. L.

CARACTERISTICAS PORTUGUEZAS

Muito questionar e pouco trabalhar —

A irreverencia e a falta de instrução —

O ensino na America do Norte.

ULTIMAMENTE, mas ha muito pouco tempo, nota-se em alguns estabelecimentos da Baixa de Lisboa e bem assim, em raros estabelecimentos da provincia, uma certa irreverencia irritante, ou para melhor dizermos, a absoluta falta de respeito da parte de certas creaturas que se julgam comerciantes e que afinal não mais são do que principiantes de uma profissão enganosa a todos os titulos que, de maneira alguma, pode ter o nome de comercio. Os jornaes da capital já, contra este degradante facto, teem vehementemente protestado, porque é extremamente vergonhoso, perante nós mesmos e perante os estrangeiros, que nos tempos de agora formam uma impor-

tante secção da vida da capital portugueza.

Esses jornaes circulam em Portugal, são enviados e lidos no estrangeiro. O mesmo sucederá a este artigo, mas com a condição, porém, de que não vamos agravar o mal feito, mas procurar o seu immediato e inexoravel remedio.

A ausencia de instrução em grande parte do comercio (referimo-nos especialmente ao intermediario) tem como resultado desconhecer-se a historia da fabricaçao dos artigos ou productos a vender, as suas qualidades, o reconhecimento pelo vendedor da ignorancia do comprador, da carencia de pratica em avaliar do freguez que paga com facilidade e o que

paga com dificuldade, em se descrim-narem os cinco momentos fundamentaes de uma simples transacção, em se aproveitar a ocasião para o freguez tornar a visitar e a fazer propaganda favoravel ao estabelecimento a que uma vez se dirige. Por outro lado, uma escrita deficiente, uma suspeita infinita, a desconfiança resultante de lamentaveis ambições de enriquecer sem metodo nem senso comum, geram muita questão verbal, muita discussão inutil, muita critica e pouco trabalho e lucro.

Vamos citar o erro original: — Variadissimas pessoas, principalmente nascidas dos meios ruraes e que teem necessidade de ir ás repartições publicas a fim de legalisarem as suas transações, causam imensa perda de tempo por não saberem dar os esclarecimentos precisos. A razão explicam elas, dizendo que *os paes não tiveram o cuidado de os mandar á escola*. Tanta vez nós ouvimos argumentar por esta forma e *sempre a mesma* que nos ocorreu dizer que a culpa não era dos paes, mas d'essas mesmas pessoas que, atingindo certa idade ou, caso mais vulgar, depois do casamento, já não querem saber da instrução pelo direito que se julgam de ter a certa indolencia, a certa mandriice em face da constituição da familia. Durante anos consecutivos temos argumentado assim. E isto mesmo se aplica aos pretensos comerciantes a que aludimos a principio. Se eles não sabem e não querem conhecer o freguez, por indolencia, por pouco de estudo e por má vontade e só na ancia de enriquecerem, enganar-se-hão dentro de muito pouco tempo, porque o descredito lavra pavorosamente como um incendio de enormes proporções, e todo esse rancor nada mais denuncia do que o descontentamento e a infelicidade dos negocios e as contrariedades da vida, filhas do desleixo e da ignorancia.

Prevendo as consequencias de uma verdadeira catastrophe a que estamos arriscados por este caminhar, os norte-americanos desenvolveram o sistema dos cursos por correspondencia, tanto patro-

cinados pelo Estado, como de iniciativa particular.

São dignos de nota os cursos de extensão universitaria nas suas variadissimas e originaes modalidades que, mediante preços muito reduzidos, facultam a instrução ás classes populares, mesmo nas mais remotas aldeias da provincia, sem necessidade dos alumnos interromperem as suas usuaes occupações, tratando-se geralmente de operarios. Não podemos aqui fazer um estudo desenvolvido sobre o assunto, apresentando dados estatisticos e criticando factos, porque nem a indole nem o espaço d'esta considerada Revista o permitem, visto devermos ocupar-nos de assuntos de turismo, e a nossa intenção ser unicamente optimista, provocando a reacção contra os males que nos atingem e que teremos, cedo ou tarde, e para nossa honra, de remediar. Mas será conveniente acentuarmos alguns pontos mais importantes.

Assim, admirámos na America do Norte as esplendidas bibliotecas publicas, com os seus vastos atrios, sob o reflexo brilhante dos marmores e da scintilação das lampadas electricas, sob a impressão do aceio e do conforto nos tempos de inverno, no imenso socego, na organização interna, sob uma rigorosissima fiscalisação debaixo do ponto de vista moral onde se escolhem e leem livros, se observam illustrações, exposições de pintura e esculptura, se lêem os jornaes e revistas de ocasião; onde as creanças ocupam salas especiaes; onde ha uma expressão unica de ordem, de socego no trabalho e de respeito mutuo!

Que diremos, então, da instalação das escolas com os seus gimnasios internos e ao ar livre, em que a petizada pulula, brinca, salta, corre, executa trabalhos acrobaticos nos trapezios, que entre nós se julgariam inacreditaveis e arriscados?! E as salas amplas, de grandes janelas com vidraças em guilhotina, as lousas circundando as paredes, os irradiadores para o aquecimento, a iluminação electrica, carteiras em graduações segundo as idades, corredores espaçosos, salas de

conferencias e de festas, uma hygiene a toda a prova, uma ordem com todo o rigor?! E essa maneira encantadora, entusiastica e cativante como a professora americana atrae e instrue os estrangeiros que se dirigem á America e aprendem o inglez nas classes nocturnas?!

Frequentes vezes nós vimos adoraveis e formosas raparigas americanas na força da juventude, na plenitude da força do amor, a ditar, a esclarecer, a repetir palavras, a balbuciar, sem um movimento do sobrececho, sem um franzir de rosto, com a verdadeira serenidade e consciencia de que a professora substitue, em grande parte, o sagrado amor de uma boa mãe. Os alumnos, em grupos mais ou menos numerosos, eram rapazes entre as edades de dezaseis e trinta anos.

Em contradição absoluta com as raças

latinas, não vimos ahi um unico sinal de troça, um unico olhar perverso que, em todo e qualquer lugar da União Norte-Americana, seria justamente considerado como um sacrilegio. Este ensino é gratuito para os alumnos.

Os liceus e as universidades formam o complemento da mesma organização, em lições durante as quaes se não ouvem descomposturas dos professores nos alumnos; são frequentadas simultaneamente por ambos os sexos; se tratam todos com a maior bondade e se terminam os cursos com festas comemorativas, tal como sucede nas escolas primarias.

Relativamente ao ensino superior, julgamos oportuno destina-lo para estudo comparativo em um dos artigos seguintes.

BRANDÃO PEREIRA.

NO ALTO ALEMTEJO

A SÉ DE PORTALEGRE

QUANDO se creou o bispado de Portalegre, tendo a D. Julião d'Alva por seu primeiro bispo, quiz este fundar um templo digno de ser igreja cathedral, tomando para isso — e na impossibilidade de o construir de novo — posse da igreja de Santa Maria do Castello, que era da ordem d'Aviz; incorporando nas suas rendas, com permissão do rei, as das igrejas de Santa Maria Grande, da ordem de Christo e S. Vicente, da ordem de S. Thiago; e assim ficou Santa Maria do Castello sendo a primitiva Sé portalegrense. Como este templo fosse muito antigo e viesse a ameaçar ruina, tornou-se preciso abandoná-lo, depois de erigida uma nova cathedral, cuja primeira pedra foi lançada a 14 de Maio de 1556, pelo referido prelado, que a dedicou a Nossa Senhora da Assumpção, como todas as outras Sés do paiz lhe são igualmente consagradas. So-

bre a porta principal da igreja aludida foi posta a inscripção: *Coepit hoc templum extrui. An. Domini 1556.*

Mais tarde essa porta primitiva foi substituida por um magestoso portico, de columnas monolithicas, de marmore preto, a expensas do bispo D. Manuel Tavares, que mandou acrescentar áquella inscripção o seguinte: *Restauratum postea anno salutis 1795.*

As obras da Sé de Portalegre não foram porém concluidas por D. Julião d'Alva, nem pelo seu successor D. André de Noronha; vindo a se-lo no tempo do successor d'este, o famoso D. frei Amador Arraes, o qual mandou fazer o retabulo da capella-mór que entesta na abobada, collocando ahi uma formosa imagem da Virgem. Tambem foi ele que mandou construir o retabulo do altar de Nossa Senhora do Carmo, o qual custou 3.000 cruzados; e á sua custa se lageou e la-

drilhou todo o pavimento do templo. Ainda foi obra sua a do relógio, sendo-o igualmente o Paço Episcopal e o Seminário Diocesano.

Jaz sepultado na capella-mór do collegio de Coimbra, que tinha feito erigir, em campa razea e com um modesto epithio.

A Sé de Portalegre é de trez naves, sendo a central guarnecida por um sumptuoso guarda-vento, mandado construir pelo bispo D. Manuel Tavares Coutinho e Silva; estendendo-se por sobre as trez naves, logo á entrada, um amplo côro onde está o magnifico órgão, doado pelo bispo D. João de Mascarenhas, que veiu a falecer á frente da diocese da Guarda para onde fôra transferido. Aquele D. Manuel Tavares doára tambem á igreja ricos paramentos e banquetas de prata e concluiu o claustro principiado pelo seu antecessor; fez a casa do Cabido, ampliou o Paço Episcopal e o Seminário, edificou casa propria para instalação da Camara Ecclesiastica e fez ainda outras obras importantes.

O corpo da igreja da Sé é iluminado por 12 janelas circulares, seis de cada lado, além das da frontaria. O arco cruzeiro é esclarecido por duas altas janelas, além das da capella-mór e do zimbório, o que tudo torna este templo um dos mais claros e alegres do paiz. Na capella-mór estão sepultados cinco bispos: quatro em jazigo comum, que são D. Diogo Correia, D. Frei Domingos Barata, D. Manuel Lopes Simões e D. Pedro de Brito e Alvim; e um em sepultura particular que foi D. João d'Alva.

E' de elegante fabrica o *altar do Sacramento*, tornando-se notavel pelos seus primorosos balaustres de marmore. N'essa capella jaz o bispo D. Alvaro de Castro e Noronha, o iniciador das obras do claustro.

O *altar de S. Pedro* é dos melhores ornamentados e está resguardado por uma grade de ferro igual á que resguarda o altar anteriormente citado. No

pavimento, entre as grades e o altar, estão duas campas de marmore com o braço dos Villa Lobos, nas quaes se encontram sepultadas Isabel e Margarida de Oliveira, que dotaram aquele altar e d'ele tinham o padroado.

No *altar de Nossa Senhora do Carmo*, vê-se uma campa de marmore com o braço dos Castello Branco, jazigo que mandou fazer Mendo Caldeira Paes de Castello Branco para os possuidores do morgadio de Santa Ignez, instituido na India pelo governador Nuno Vaz de Castello Branco.

No *altar de S. Mauro* está uma outra campa de marmore com o braço dos Azevedos, onde foi sepultado o bispo D. Frei João de Azevedo, da ordem de S. Bento de Aviz.

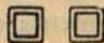
Muitas outras campas com diversos braços lageiam o pavimento das trez naves do templo, achando-se as inscrições quasi todas apagadas pela acção do tempo e pelo attrito dos pés. Ao cimo da nave lateral da direita ha uma sepultura de formoso marmore com um artistico braço d'armas. Ali foi sepultado o Marquez de Ternai, Carlos Gabriel Hilario Dorsac, brigadeiro do exercito portuguez.

A Sé de Portalegre é, sem contestação, o edificio mais sumptuoso da cidade.

REGIMEN DE PASSAPORTES

O «DIARIO DO GOVERNO» n.º 241 da 1.ª série, referente a 22 de novembro ultimo, publicou o seguinte aviso, que achamos conveniente transcrever textualmente:

«Por despacho de 21 de novembro corrente, se torna publico que o acordo para o estabelecimento do mesmo regimen sobre passaportes que vigora para os nacionaes francezes, inglezes e suissos, aplicado tambem aos nacionaes portuguezes e italianos, segundo o qual os respectivos passaportes não serão visados desde que, nos mesmos documentos tenha sido aposto, ha menos d'um ano, o visto d'uma autoridade administrativa ou consular dos respectivos paizes, que esse acordo começa a vigorar no dia 1 de dezembro do corrente ano».



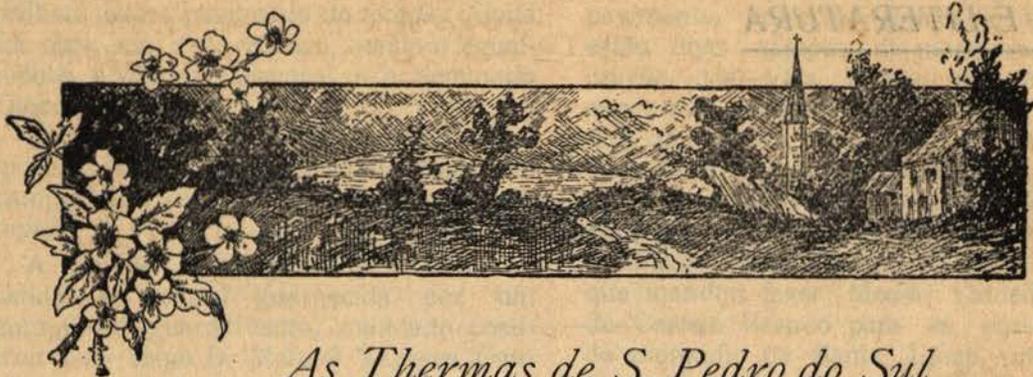
ARTE E LITERATURA*A INSOMNIA*

*Pela alcova onde vela o condenado
No mysterio da noite silenciosa,
Adejam avejões de fabulosa
Envergadura, o rosto recurvado.*

*Pairando sobre o leito o bando alado
Adensa a escuridão. Uma horrorosa
Harpia vem pousar sobre a angulosa
Fronte exausta do pobre alucinado.*

*Cravando as garras, a pupila acesa,
O monstro ceva a furia malfaseja
Na expertinada victima indefesa;*

*Mas rompe o dia, acorda a Natureza,
Dão matinas as torres de uma egreja
E o bando foge, então, largando a presa.*



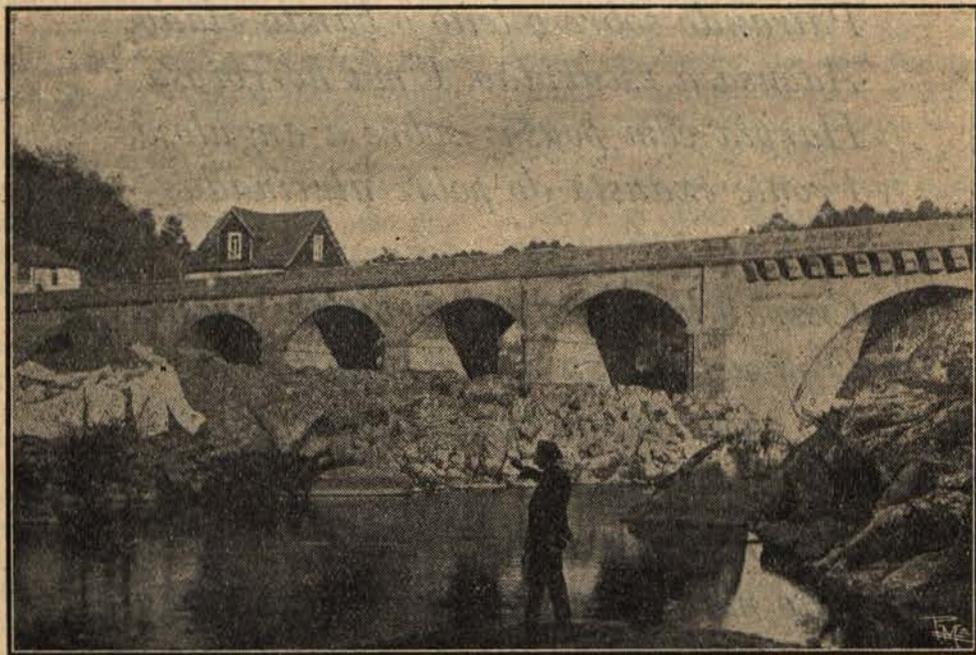
As Thermas de S. Pedro do Sul

VÃO SOFRER GRANDES TRANSFORMAÇÕES

As thermas de S. Pedro do Sul, cuja famosa tradição therapeutica remonta á epoca da dominação dos romanos na península, vão em breve passar por uma

blico, tomou de arrendamento á Camara de S. Pedro do Sul, essas belas thermas.

Ha seis meses que se realisou a escritura de adjudicação; e já hoje a em-



Um aspecto da região

sensível remodelação, de forma a constituirem, a dentro do paiz, uma verdadeira estancia *européia*. E' esse o desejo do grupo de homens que, em concurso pu-

preza pode assegurar, com a eloquencia dos factos consumados, que honra os pezados compromissos que contrahiui. De facto, ella assumira a obrigação de, em

meio ano, apresentar á aprovação do Estado e do municipio arrendatario, as plantas dos melhoramentos a efectuar; e rigorosamente cumpriu essa obrigação.

São essas plantas: a de um grande parque com jardins e floresta, campos de jogos desportivos e diversões varias, de molde a tornarem atrahente a estancia; a de um hotel de luxo; a do novo balneario e a da rêde de esgotos.

Feito isto, em poucos anos, como é a viva aspiração da empreza, e sobretudo do

raes, a deslumbrante paysagem da região de Lafões, que é uma das mais encantadoras de Portugal; sendo difficil encontrar-se lá fóra panoramas de maior magnificencia para alegria dos sentidos.

A *Revista de Turismo* cumprindo o seu programa de incentivo ás iniciativas que se traduzem em fomento das riquezas colectivas e dando todo o seu apoio a esse belo empreendimento, regista com sympathia o esforço dos bons portuguezes que á sua terra dão trabalho, trazendo



A ponte do Caminho de ferro sobre o Vouga

seu unico capitalista, o sr. Cesar Baptista Diniz — a quem se deve o alto exemplo de trazer para Portugal os seus opulentos cabedais enquanto outros, anti-patrioticamente, os drenam para o estrangeiro — as thermas de S. Pedro do Sul destacar-se-hão entre as primeiras da península, aliando a todas as comodidades modernas e á excelencia das suas aguas mine-

para ela ouro reproductivo, valorizando uma estancia ha muito tempo abandonada.

O hotel a construir em sitio que domina o Vouga e a estrada que de Vouzela segue a S. Pedro, é em estylo solarengo portuguez. São caracteristicas as janelas, com seus contornos floridos, a larga alpendrada resahindo a meio da frontaria, a arcaria e os azulejos ornamentaes.

Mas sendo o exterior regional, toda a estrutura e disposição interna obedece aos mais rigorosos preceitos modernos. Contando 150 quartos, alguns d'elles reúnem as maximas condições de conforto, tendo ligada uma ante-câmara, quarto de vestir e lavagens, quarto de banho e W. C.; e n'este quarto de banho será instalada a agua mineral, de modo que os doentes possam, sem sair do hotel, fazer a sua imersão curativa.

Completam o conjunto uma ampla sala

de jantar e um vasto restaurante, sendo os varios pavimentos servidos por elevadores electricos. Todo o edificio será profusamente iluminado a electricidade.

A empreza, que tem adquirido já amplos terrenos por contracto amigavel com a quasi totalidade dos proprietarios, a quem a justa defesa dos seus interesses não oblitera o sentimento do bem comum, iniciou já varias obras nas Thermas e espera na epoca balnear de 1924 oferecer aos aquistas aquele novo hotel.

UMA IMPORTANTE INOVAÇÃO

SEGURO DE BAGAGENS

SOB o titulo de *Companhia Europeia de Seguros de Mercadorias e de Bagagens*, acaba de se fundar em Lisboa uma empreza semelhante a outras que já existem no estrangeiro, cujo fim é a exploração do seguro de mercadorias e das bagagens de passageiros, ambas transitando pelas vias ferreas, maritimas ou aereas.

E' esta uma inovação interessante e utilissima que traz os mais completos e satisfatorios resultados; e, por isso, no sentido de esclarecermos o publico sobre as vantagens que ela oferece, vamos elucidar-lo sobre a forma de se utilizar do seguro das bagagens registadas — ou despachadas — que é o ramo a que, por enquanto, a *Europeia* limita os seus primeiros serviços, que se acham em execução na rêde da Companhia Portugueza e terão inicio no proximo mez de março, nas linhas da Beira Alta e da Companhia Nacional de Caminhos de Ferro e possivelmente nas do Estado — Minho e Douro e Sul e Sueste.

Este seguro é d'uma pratica execução e obtem-se da seguinte forma:

Os passageiros poderão requisitar nos

guichets de expedição o seguro dos seus volumes na *Companhia Europeia*.

O seguro das bagagens despachadas poderá ser efectuado com destino a qualquer estação da C. P. ou em serviço directo nacional ou internacional.

O seguro poderá efectuar-se:

a) com **estampilhas**, pelas quaes as bagagens despachadas ou em deposito ficarão a coberto, até á concorrência da importancia segura, dos riscos de perda total ou parcial, avarias, furto, atrazo na entrega e, de uma forma geral, de todos e quaesquer riscos, incluindo perdas e danos, e sempre que o facto anormal tenha logar dentro do periodo em que as bagagens se encontrem em poder do caminho de ferro e salvo apenas os casos de força maior.

b) com **apolicies**, pelas quaes ficará a coberto toda a bagagem do passageiro, não só as despachadas ou em deposito, como os proprios volumes de mão, quer na posse dos passageiros, quer despachados. Este seguro cobre os riscos de perda total, parcial e avarias, seja qual fôr a causa do sinistro, mesmo quando devido

a força maior; apenas exceptua o atrazo na entrega e perdas e danos.

Este seguro é valido por 60 dias a contar da emissão da apolice, para qualquer transporte e durante a estadia em toda e qualquer parte da Europa.

Não é exigido acondicionamento especial para as bagagens a segurar.

Premios de seguro por estampilhas

— As bagagens podem segurar-se pelo valor de 1.000\$00 e seus multiplos, mediante os premios seguintes:

Por cada 1.000\$00 ou fracção

1\$80	por exp. c/ traj.º	até 150 km.
3\$60	» » » » »	de 151 » 400 »
5\$40	» » » » »	401 » 700 »
7\$20	» » » » »	701 » 1.200 »
10\$80	» » » » »	1.201 ou mais »

N'esta tabela estão incluídos os impostos que incidem sobre os premios de seguros.

A distancia é calculada pelo trajecto, sem interrupção; incluindo, portanto, nas bagagens em serviço internacional, os percursos portuguezes e os estrangeiros.

Os objectos estão a coberto desde a entrega da senha ao passageiro, no acto do seguro, até a sua recolha na estação destinatária.

A operação do seguro efectua-se pela aposição de estampilhas nas senhas das bagagens, correspondentes ás 5 categorias de premios. As estampilhas são de tamanhos e côres diferentes, conforme o seu valor; e como é de 1.000\$00 o valor minimo de cada seguro, será necessario colar na senha respectiva tantas estampilhas de 1.000\$00 quantas as necessarias para representarem o valor seguro, se este fôr inferior a 10.000\$00, e tantas d'esta quantia quantas as dezenas de milhares de escudos que o seguro represente.

Apresentemos exemplos:

Bagagem de Lisboa a Porto segura em 8.000\$00 — Como o trajecto está comprehendido entre 151 e 400 km., colar-se-hão na senha 8 estampilhas de 1.000\$00 e do premio de 3\$60 (verdes).

Bagagem no mesmo percurso, segura em 11.000\$00 — Apôr-se-ha uma estampilha (grande, verde) de 10.000\$00 e do premio de 36\$00, e outra pequena de 1.000\$00 e do premio de 3\$60.

As estampilhas são inutilizadas com o carimbo da estação e datadas, indicando-se no talão da senha a quantia segura e o premio recebido.

Estes seguros só se podem efectuar no momento da expedição ou da reexpedição da bagagem, não sendo aceite qualquer pedido posterior para ser seguro n'uma estação intermedia do percurso.

As bagagens em deposito nas estações para serem despachadas, bem como os volumes de mão, podem segurar-se por 100\$00 e multiplos d'esta quantia, com o limite maximo de 1.000\$00 por cada recibo de *consigne*, mediante os premios seguintes:

Para o valor de	100\$00..	\$10
» » » »	500\$00..	\$40
» » » »	1.000\$00..	\$80
» » » »	2.000\$00..	1\$60
» » » »	5.000\$00..	4\$00

N'estas importancias está tambem incluído o imposto.

Este seguro é tambem feito por estampilha, procedendo-se da mesma forma que para com as bagagens despachadas.

No proximo numero daremos o complemento das explicações sobre este assunto que é de interesse geral e que merece uma especial atenção.

NOVO HOTEL EM CHAVES

SEGUNDO somos informados acha-se já comprado o terreno, na avenida da estação do caminho de ferro, destinado á construção d'um hotel moderno, na linda vila de Chaves, devendo as obras começar brevemente.

O hotel será dotado de todo o conforto moderno e de acordo com o programa da Repartição de Turismo.

NOTÍCIAS DIVERSAS

Melhoramentos locais

DESDE ha muito que se fazia sentir a falta de um hotel em Vilar Formoso, onde se acha a estação fronteira e de ligação com a linha hespanhola inter-nacional.

No intuito de remediar esse sensível inconveniente, a Companhia da Beira Alta, compenetrada d'essa necessidade, mandou ali construir um edificio apropriado, cujos trabalhos vão adiantados, contando-se que esteja aberto ao publico em março proximo.

O novo hotel, que terá todas as comodidades, taes como casa de banho, retretes modernas, etc., será um anexo do restaurante da estação, tencionando a Companhia aformosear o local com um jardim.

Tambem a Administração Geral dos Correios vae construir, em Vilar Formoso, uma grande estação, a fim de centralizar ali o serviço de encomendas postaes, devendo o novo edificio ter uma parte accessivel ao publico, para a expedição de cartas, telegramas, posta restante, etc.

O inicio dos trabalhos depende da expropriação d'umas pequenas casas, cujos proprietarios estão ausentes no estrangeiro.

Para a distribuição de correspondencia em todo o paiz pensa a mesma Administração Geral em instalar, na estação de Pampilhosa, um posto especial, a fim de facilitar esse importante serviço e de acabar com a morosidade que actualmente existe no seguimento da correspondencia, quer nacional quer estrangeira, em destino ou com origem nos diferentes pontos de Portugal.

Caminho de ferro electrico entre Santo Thyrso e Famalicão

No dia 10 do corrente, realiza-se na Administração Geral das Estradas e Turismo, a recepção de abertura de propostas para o concurso de adjudicação de assentamento e exploração, pelo prazo de 75 anos, d'uma linha ferrea, de tracção electrica entre Santo Thyrso e Vila Nova de Famalicão.

Não podemos prevêr qual seja o resultado d'este concurso. Parece-nos, porém, que, dado o interesse que tão util melhoramento representa, especialmente para Santo Thyrso, não só pela sua propria importancia, como pela sua proximidade com as thermas das Caldas da Saude, cujo desenvolvimento hoje está já bem patente, esse desejado beneficio ha-de produzir-se com a coadjuvação dos bemquistos influentes da região.

Comissões Techicas automobilistas

E' a seguinte composição das Comissões Techicas, que nos termos do art. 12.º do Regulamento sobre circulação de automoveis, deverão funcionar no corrente ano: Circunscipção Norte, séde no Porto: effectivos, dr. João Antunes Guimarães, Fernando Ferreira da Silva Brito, Agostinho de Freitas Leal; substitutos, Jaime de Sousa Correia, Abel Pego Fiuza; Circunscipção Sul, séde em Lisboa: effectivos, Carlos Augusto de Sá Carneiro, Ricardo O'Neill, José de Aguiar; substitutos, João Mendes do Amaral, Ernesto Zenoglio; Circunscipção dos Açores, séde em Ponta Delgada: dr. Luiz Gomes; Circunscipção da Madeira, séde no Funchal: Francisco Bento Gouveia.

Monografia da Beira

O Automovel Club de Portugal, de combinação com a Sociedade Propaganda de Portugal, vae editar, para ser profusamente distribuida no estrangeiro, uma monografia das nossas provincias da Beira, que será escripta em francez e conterá indicações uteis e itinerarios para que os turistas estrangeiros possam bem apreciar essa linda parte do nosso Paiz.

Essa publicação será do genero das que a Suissa costuma editar, dando-se-lhe uma forma mais pratica e moderna.

Propaganda de Portugal

O jornalista americano, sr. Thompson, que esteve em Lisboa no ano de 1912, tendo feito, depois, diversos artigos sobre Portugal, que foram publicados em alguns jornaes americanos, acha-se de novo no nosso Paiz, a fim de completar os seus estudos cujo inicio descreveu nos referidos artigos, no intuito de publicar um livro descriptivo de Portugal, suas belezas, condições, resumo historico e tudo o mais que possa interessar aos turistas americanos.

E' este um grande e util serviço que o illustre jornalista vae prestar ao nosso Paiz e que, sem duvida, será justamente apreciado.

O sr. Thompson deve em breve partir para o Algarve, acompanhado d'um director da Sociedade Propaganda de Portugal.